

Bruno Nettl – O Estudo de Etnomusicologia

Cap. 19 – Você nunca irá entender essa música

1. O terrível etnomusicologista
 - 1.1. Conversa entre Nettl e seu professor de música Persa:
 - 1.1.1. “Você nunca irá entender essa música.”
 - 1.1.2. “Eu não espero entendê-la dessa forma, mas só quero entender como as coisas são postas juntas.”
 - 1.1.3. Isto é algo que você pode aprender, mas não é realmente importante.”
 - 1.2. “Com que razão você estuda a música de outra cultura?”
 - 1.3. “... O etnomusicologista americano, francês ou britânico, por causa de quem ele é, ..., é capaz de insights e questionamentos, como um transmissor de música não ocidental, o qual nenhum javanês, mesmo treinado em métodos ocidentais, nunca poderia ser.”
 - 1.4. “Muitos questionam a validade intelectual e moral de abordagens cross-culturais.”
 - 1.5. “Alguns ethnomusicologistas se definem como aqueles que, como outsiders, estudam as culturas de sociedades de todo o mundo. Mas, em fato, em sua maioria são simplesmente membros de uma sociedade ocidental, de nações afluentes, que estudam os pobres.”
 - 1.6. “Se etnomusicologistas ocidentais, por causa de sua preocupação com a melodia no sistema clássico ocidental, tem sido sempre melhor no tratamento dos aspectos musicais derivados do fator altura, é possível que um ethnomusicologista africano, mais qualificado em trabalhar o fator rítmico, nos dê uma visão diferente da música indígena americana...”
 - 1.7. Algumas objeções aos etnomusicologistas outsiders:
 - 1.7.1. Representam um tipo de colonialismo musical.
 - 1.7.2. Encorajam a retenção de materiais antigos ou segmentos de um repertório.
 - 1.7.3. Tira vantagem da posição econômica e poder militar de sua origem, causando tumulto nas sociedades em que se infiltram.
 - 1.7.4. Deixam sempre marcas de sua passagem naquela sociedade.
 - 1.8. “A principal objeção no campo de trabalho de um outsider, é baseada na crença de que sistemas musicais são essencialmente intraduzíveis.”
 - 1.9. As reações adversas aos etnomusicologistas resultam de três suposições relacionadas com as culturas hospedeiras:

- 1.9.1. Que o etnomusicologista vem comparar uma música não ocidental com a sua, não para estudar o sistema musical não ocidental por ser significativa e interessante.
- 1.9.2. Etnomusicologistas querem usar sua própria abordagem em músicas não ocidentais, mas elas não irão funcionar, e sem dúvida resultarão em erros e desentendimentos.
- 1.9.3. Eles chegam com suposições de que existe algo na música africana, asiática ou indígena que não são óbvias aos insiders.
- 1.10. Etnomusicologistas tiram vantagem das sociedades hospedeiras em benefício próprio, e em algumas situações, para seu país.
- 1.11. As visões êmicas e éticas de uma cultura tem diferentes interpretações, abas válidas.
 - 1.11.1. A visão êmica dá uma perspectiva que a cultura tem de si mesma.
 - 1.11.2. A visão ética, com uma abordagem essencialmente comparativa e universalista, meramente adiciona algo menos significativo.
2. Quem é o insider?
 - 2.1. Crescimento de etnomusicologistas não ocidentais a partir de 1950.
 - 2.2. “Como os outsiders podem ter certeza de que estão de estão fazendo contribuições válidas para ambos insider e estudiosos de outras nações?” Algumas possibilidades:
 - 2.2.1. A partir do relativismo, estimular o público musical de sua sociedade a ter mais respeito por outros sistemas musicais.
 - 2.2.2. Nesse contexto deve-se ter cuidado com a tendência ao ensino de música não ocidental como parte do estudo etnomusicológico.
 - 2.3. Qual o retorno que a pesquisa de campo dará aos pesquisados, o que eles irão ganhar com isso?
 - 2.3.1. Irá essa comunidade se beneficiar com a gravação e venda de discos de sua música?
 - 2.3.2. Com a publicação de trabalhos relativos a sua cultura?
 - 2.3.3. É melhor esperar até que essa comunidade tenha condições de fazer esse trabalho sozinha?
 - 2.4. A exposição dos informantes envolve o risco da não aprovação de seus compatriotas, com o mal entendimento de informações pelo pesquisador, ou o uso das mesmas de maneira injusta.
 - 2.5. Até que ponto vale a pena repartir os conhecimentos de sua cultura por dinheiro, prestígio, ou pura bondade?
3. Então, as pessoas irão entender.
 - 3.1. O que os professores e informantes esperam da troca de experiências com o pesquisador?
 - 3.1.1. Que o mundo respeite sua música.
 - 3.1.2. Alguns querem um pagamento adequado pelo tempo despendido.
 - 3.1.3. Durante o ensino a outras culturas, que o pesquisador trate sua música como parte integral da cultura.
 - 3.2. Como fato, nem sempre a cultura estudada prefere uma abordagem “participante”.
 - 3.2.1. Na música clássica iraniana, a participação é essencial.
 - 3.2.2. Para os índios das planícies do norte, cantar canções sociais é aceitável, mas não permitem que um estranho interfira em cerimônias.

- 3.3. O estudo conjunto de insiders e outsiders como uma forma de “conectar abismos”.
- 3.4. Influência do engajamento de estudiosos do Terceiro Mundo na etnomusicologia.
 - 3.4.1. Longa tradição de estudos musicais na Índia.
 - 3.4.2. Necessidade do desenvolvimento do conceito de uma “etnometodologia”.
 - 3.4.3. Um pesquisador só pode estudar a partir de seu ponto de vista, mas a comparação de várias perspectivas dá uma visão mais ampla.
- 3.5. Comparação entre etnomusicologistas e historicistas da música europeia.
 - 3.5.1. Apesar de ser originário da mesma cultura, um pesquisador alemão está longe da realidade musical do séc. XVIII.
 - 3.5.2. Alguns acreditam que o insider não pode escrever histórias, sendo necessário uma perspectiva distante, de tempo corrido.